

UM OLHAR OUTRO

Artistas na arte de bem contar, de inventar histórias, não faltam no nosso tempo. Estratégias na criação de seguidores ou de fans (fanáticos) aos milhares há-os nas redes sociais. Escritores que aliam à escrita agradável e até com arte a capacidade de marketing para fazerem fortunas também não faltam. E sabemos até quais são os temas de êxito financeiro garantido. Os bestsellers hoje correm o mundo em edições e traduções rápidas, projectados pelos media. Vendem bem. Vendem muito bem. Dirão verdade? Nem sempre são compatíveis verdade e dinheiro.

Não precisamos de gastar argumentos para dizer que todo o tema anti-católico é hoje atraente e economicamente rentável.

Voltemos, então, ao *Falso testemunho*, do historiador Rodney Stark, que, no capítulo 2, *Evangelhos eliminados* nos fala dos evangelhos apócrifos para deixar bem claro, e fundamentando as afirmações, que a Igreja não «atirou para a fogueira» tais livros. Ao contrário, ao longo da história eles foram desconsiderados pelas falsidades veiculadas e pelos objectivos pretendidos. Postos de lado porque «mirabolantes» ou «inventados», foram, sobretudo no século XX, ressuscitados e valorizados como pedra de arremesso nas acusações contra o catolicismo.

«Os ataques contra estas escrituras cristãs discrepantes começa com o livro *Contra as heresias*, de Ireneu, bispo de Lyon, na França, da segunda metade do séc. II». Ele e outros autores consideraram os escritos apócrifos, ou fora do Cânone da Escritura, como «heréticos, estranhos e absurdos, pelo que não se perderia grande coisa se fossem eliminados». Redescobertos no século passado, eles suscitaram grande controvérsia por nos darem uma imagem de Jesus e do cristianismo primitivo muito diferente daquele que conhecemos e foi transmitido ao longo dos séculos. A apetência pelo estranho e sórdido, mesmo que inventado para satisfazer a curiosidade, vende bem na cultura mercantilista e de descarte, do «usa e deita fora». E foram muitos os autores que, a partir deles, tentaram deixar a ideia de que o cristianismo, tal como chegou até nós, foi uma fraude e que, portanto, «chegou ao seu fim».

Tais evangelhos «perdidos» ao longo dos séculos e «ressuscitados» nos finais do séc. XIX terão nascido no mundo gnóstico e, portanto, reservado só para alguns «iluminados». Figuras de Jesus, de Maria ou de Maria Madalena aparecem ou angelicais e mirabolantes ou demasiado «encarnadas» também na sexualidade, vista esta a partir de concepções crescentemente extremistas em voga nos últimos tempos.

Estes escritos dos primeiros séculos, nunca reconhecidos pela Igreja devido à falta de rigor histórico e contrapondo-se à Igreja primitiva dos teólogos dos mártires e dos santos, foram descartados como portadores de falsidades e ideias absurdas evidentes e não «suprimidos pela Igreja católica».

«Os evangelhos perdidos foram excluídos da Bíblia não porque os padres da Igreja primitiva fossem dogmáticos intransigentes e mal intencionados, mas porque estavam plenamente conscientes de que as escrituras gnósticas não eram cristãs», até porque as seitas gnósticas que os produziram foram poupadas nas perseguições romanas contra os cristãos. «A razão desta imunidade foi a disposição que sempre mostraram para oferecer sacrifícios aos deuses de Roma».

«Infelizmente, apesar do facto evidente de que os evangelhos gnósticos são de origem pagã, eles continuam a disfrutar de uma ampla cobertura nos media populares». E apresenta-se o caso de Karen King, da Universidade de Harvard «que tinha identificado num fragmento diminuto de papiro as seguintes palavras: 'Jesus disse-lhes: minha esposa'. Estas palavras viriam a demonstrar que Jesus esteve casado!». Claro que os media deram relevo à «descoberta». Só que, «posteriormente veio a descobrir-se que o papiro nem sequer era um antigo texto gnóstico. King tinha sido vítima de uma falsificação moderna. Como o proclamou o título do Wall Street Journal, de 1 de maio de 2014: 'Como foi desmontada a fraude da esposa de Jesus'».

E o nosso autor continua, na sua conclusão do capítulo: «Claro que vão continuar a ser publicados mais manuscritos - alguns até que possam não ser falsificações - e a imprensa continuará a saudar cada um deles como uma descoberta importante e a proclamar que deita por terra algumas doutrinas cristãs tradicionais. É verdade que se muitos dos evangelhos gnósticos fossem aceites como parte do Novo Testamento - por exemplo o Evangelho de Judas - importantes revisões teológicas teriam de ser feitas. O que nunca acontecerá, porque levariam sempre as marcas das suas origens gnósticas que as desclassificariam, como aconteceu com Ireneu de Lyon (...). O equivalente moderno dos evangelhos gnósticos é certa literatura de ficção com pretensões de realidade, por exemplo *O Código Da Vinci*, amarga crítica de uma suposta conspiração da Igreja Católica para suprimir a verdade acerca de Jesus» (p. 68).

O Prior - P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 300 ex.

ESTANDARTES DA PÁScoa

Todos os estandartes, que assinalaram a ressurreição de Cristo, devem ser retirados no próximo domingo e guardados para o próximo ano. É que, com a solenidade do Pentecostes, termina o tempo pascal.

Quando você passar por momentos difíceis e se perguntar onde estará Deus, lembre-se que durante uma prova, o professor está em silêncio.

Aline Barros

PEQUENA ORAÇÃO EM TEMPO DE PANDEMIA

Cristo ontem e hoje, Princípio e fim, Alfa e Omega, A Ele o tempo e a eternidade, a glória e o poder pelos séculos sem fim. Amen.

Senhor da Vida e da História, quando estivermos presos nas dificuldades do presente, faz-nos sentir irmãos de todos os que viveram antes de nós. Quando nos descobriremos pequenos, limitados e indefesos, abre o nosso coração àqueles que vivem sempre na precariedade e na incerteza.

Quando sentirmos falta da oração e do pão partilhado com a comunidade, enche-nos de um sentido de comunhão profunda com todos os que pelo mundo fora celebram a Páscoa.

Neste tempo de exceção, ajuda-nos a dar mais valor à vida quotidiana e às pequenas coisas de todos os dias.

Nesta globalização que se faz realidade de tantas maneiras, faz-nos ter a consciência de que todos formamos parte da mesma família humana.

Amor que contagia, passa-nos o vírus da solidariedade, da empatia e da esperança no teu Amor que nunca nos deixa.

Vida plena dada até ao fim, sê o nosso Caminho e a nossa direção em todas as adversidades.

Sergi d'Assis é monge de Montserrat, neste momento a viver num mosteiro beneditino no Uganda (In setemargens.com)

BODAS DE OURO

Vão celebrar na próxima quinta-feira, dia 28, as suas bodas de ouro de casamento **Fernando Fernandes Gonçalves e Maria José Pereira Ballester Crespo Gonçalves**. O casamento foi celebrado na Ermida da Franqueira - Pereira no dia 28 de Maio de 1970. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

BODAS DE PRATA

Vão celebrar na próxima quinta-feira, dia 28, as suas bodas de prata de casamento **José Gonçalves Pessoa e Delfina Pena Vilas Boas**. O casamento foi celebrado em Carvalhal no dia 28 de Maio de 1995. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS



Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 21 - 24 de Maio de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Ascensão: elevado ao Céu mas presente no mundo

Como ficaríamos nós se vissemos o Senhor, Aquele que fez de nós alguém, isto é, que nos ensinou e fez cúmplices de uma vida única, extraordinária, nunca antes experimentada e que, por fim, nos confia uma missão tão excelente quanto difícil de realizar, afastar-se agora de nós para não mais O voltarmos a ver? Seremos nós capazes de nos metermos na pele dos apóstolos?

A Ascensão de Jesus ao céu é mais um daqueles momentos em que os pobres apóstolos se dão conta de que a sua «pequenez» não lhes permitia sonhar sequer com a «grandeza» da missão que lhes era entregue. Esta só tinha sentido se Ele, elevando-se para o Céu, continuasse presente na terra. E foi o que aconteceu. Melhor: é o que está a acontecer.

O modo como Mateus e Lucas falam da Ascensão permitem dizer que a Ascensão não é um fim de um sonho (nós vivemos com Ele, falamos com Ele e Ele desapareceu-nos) mas antes um reinício:

o da sua presença universal. Ele permanece connosco até ao fim dos tempos e nunca estaremos sóz no cumprimento da missão que nos foi confiada. Sim, nós, os baptizados de hoje, assumindo a missão de dizer a Boa Notícia de um amor que salva a todos - e como tal se sente como necessário nos dias de hoje! - não estamos sóz nunca. Ele, o Emmanuel (Deus connosco) não deixou de estar encarnado neste mundo que precisa todos os dias de ser salvo. Mesmo ausente, Ele continua vivo no meio de nós.

O Evangelho de Mateus destaca a Ascensão de Jesus ao Céu (última página) ligando-a ao início da sua narrativa (1, 22-23): o nascimento de Jesus realizava a profecia de Isaías que anunciava que Deus Se tornaria presente na Humanidade para a salvar. E quando Jesus sobe ao Céu, os discípulos são enviados a «todas» as nações, de «todas» as raças, povos e línguas, para as ensinar a cumprir «tudo» o que Ele nos mandava.

Hoje vivemos o tempo da Igreja, que continua a mesma missão. E o anúncio da Boa Nova, sempre difícil e cheio de obstáculos, continua a ser a grande testemunha de que «ele está connosco até ao fim dos tempos». Presença do Senhor Ressuscitado que o Espírito Santo, que Ele prometera enviar do Pai, faz sentir a todos os crentes, não os deixando cair na tentação de «ficar a olhar para o céu», dispensando-os de ser «fermento, sal e luz» na terra, o espaço e o tempo que são os nossos.

Seguindo determinações superiores, no próximo sábado retomaremos as celebrações comunitárias, restringidas apenas às condicionantes em ordem à saúde pública. Assim:

1. O uso da máscara durante as celebrações é obrigatório e também o distanciamento físico de dois metros, salvo com o próprio agregado familiar; à entrada e saída, a higienização de mãos, bem como seguir as orientações da equipa de acolhimento
2. Quem pode participar? TODOS. No entanto, pelas mesmas razões de saúde pública, pede-se a todos o bom senso de decidir quando, com quem e como participar.
3. Aconselha-se, para melhor uso dos espaços litúrgicos, a participação de todo o agregado familiar (adultos, crianças e jovens). Sem esquecer que os nossos velhinhos serão talvez os que mais a desejam.... As missas à semana são fortemente aconselhadas para as pessoas de saúde mais débil.
4. Mesmo que admitamos não ser necessário, infelizmente, a redução do número de participantes, adequando-o ao espaço confinado a um terço, vamos preparar os espaços de culto para tal.
5. Manteremos as celebrações de missas à semana tal como antes da pandemia, durante as duas primeiras semanas. Só depois faremos o tão necessário e falado ajuste de celebrações, tidas como excessivas na cidade.
6. Se se justificar, o que se decidirá na altura, optaremos, caso seja possível, por celebrações ao ar livre, ao menos às 9.00 no adro do Senhor da Cruz e 11.00 na Matriz.
7. Retomaremos a actividade pastoral, convidando todos os grupos a reunir e avaliar, retendo as lições deste tempo único, para programarmos o ano pastoral seguinte.
8. Estão suspensas até ao próximo ano pastoral as celebrações da Catequese, do Crisma, bem como outras actividades previstas.
9. Casamentos e baptizados, já possíveis, deverão ser re-agendados quanto antes com o Prior.
10. Funerais: na Igreja Matriz para a família (100 pessoas).

PENTECOSTES E

CELEBRAÇÕES COMUNITÁRIAS

No próximo sábado, teremos a Eucaristia das 9.00 no Senhor da Cruz, já aberto à participação comunitária. O espaço está preparado para acolher 70 pessoas. Às 19.00, na missa vespertina na Igreja Matriz poderão participar cerca de 100 pessoas.

Às 21.00, teremos a vigília do Espírito Santo na Igreja Matriz, na qual participarão todos os crismandos e os adolescentes do 9º ano (Festa do Compromisso) e do 10º ano (Festa do Envio).

No domingo, a missa das 9.00 será, se possível, no exterior (adro) do Senhor da Cruz, bem como a das 11.00 na Igreja Matriz, prevendo-se também no exterior, não havendo restrições à participação.

«Importa ter sempre presente as normas de isolamento que não permite a proximidade das pessoas. Em alguns casos poderá ser de recomendar as celebrações ao ar livre, desde que sejam cuidados todos pormenores que conferem dignidade ao acto. Aconselhamos a que se reúnam nas igrejas maiores, ou seja, nas igrejas paroquiais e a que se deixe de celebrar nas capelas» (Da Nota do Senhor Arcebispo)

O Prior - P. Abílio Cardoso

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
VII DOMINGO DE PÁSCOA - ASCENSÃO DO SENHOR

Ergue-Se Deus, o Senhor,
em júbilo e ao som da trombeta

Segunda, 25 – S. Beda Venerável, S. Gregório VII e S. Maria Madalena de Pazzi

Leituras: Act 19, 1-8
 Jo 16, 29-33

Terça, 26 – S. Filipe Néri

Leituras: Act 20, 17-27
 Jo 17, 1-11a

Quarta, 27 – S. Agostinho de Cantuária

Leituras: Act 20, 28-38
 Jo 17, 11b-19

Quinta, 28 – Leituras: Act 22, 30: 23, 6-11

Jo 17, 20-26

Sexta, 29 – S. Paulo VI

Leituras: Act 25, 13b-21
 Jo 21, 15-19

Sábado, 30 – Leituras: Act 28, 16-20. 30-31

Jo 21, 20-25

DOMINGO, 31 – PENTECOSTES

Leituras: Act 2, 1-11
 1 Cor 12, 3b-7. 12-13
 Jo 20, 19-23

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 25 – Maria do Carmo Sousa Faria (2º aniv.)

Terça, 26 – Manuel João Jesus Amaral

Quarta, 27 – Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves

Quinta, 28 – Intenções colectivas:

- António Sousa Graça

Sexta, 29 – Leonel da Quinta Fernandes

Sábado, 30 – Intenções colectivas:

- Luís Miguel Ribeiro Faria (aniv.)
 - Manuel Maria da Silva Maciel (aniv.)
 - Paula Maria Lopes Lourenço
 - Manuel Fernando do Vale

- Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio

- Henrique Silva Mota Faria

Domingo, 31 – 11.00 – Missa pelo povo

Estamos a celebrar a Ascensão de Jesus ao céu neste domingo VII de Páscoa e o Dia Mundial das Comunicações sociais na Igreja. Vivemos o dia em que Cristo eleva ao céu a nossa natureza humana, prepara-nos uma morada e promete enviar o Espírito Santo, o Paráclito, que nos inspira para a Verdade!



HÁ TANTO EVANGELHO PARA SEMEAR

1. Todas as despedidas são dolorosas. Aparentemente, a Ascensão assinala a despedida de Jesus. Mas só aparentemente. A Ascensão não assinala uma despedida, mas inaugura uma presença nova.
2. Jesus não deixou o Pai quando veio até ao mundo e – agora – não deixa o mundo quando volta até ao Pai. Ele, que nos mostrou o Pai, (e)leva-nos para o Pai.
3. É também a nossa humanidade redimida, salva e transfigurada que vai com Ele. Nós (já) estamos com Ele na eternidade; Ele (ainda) está connosco no tempo.
4. Enfim, o Céu continua na Terra e a Terra como que já está no Céu. No tempo que vivemos na Terra, já somos verdadeiramente «cidadãos do Céu» (Fil 3, 20) e habitantes da «Casa do Senhor» (Sal 122, 1).
5. Jesus continua presente no mundo, acompanhando os Seus discípulos em missão. São Marcos diz-nos que o Senhor consolida a palavra dos Seus enviados (cf. Mc 16, 20). E São Mateus anota a Sua promessa de que Ele estará sempre connosco, até ao fim dos tempos (cf. Mt 28, 20).
6. Jesus pede aos discípulos que não se afastem até que venha o Prometido do Pai (cf. Act 1, 4). O Prometido do Pai é o Espírito Santo (cf. Act 1, 5). É o Espírito Santo que vai dar aos discípulos uma força suave – e uma suavidade forte – para que sejam testemunhas de Cristo «até aos confins da Terra» (Act 1, 8).
7. Os discípulos deixaram de ver aquele que tinham visto e que voltarão a ver quando voltar (cf. Act 1, 11). A partir de agora, podemos ver – e fazer ver – Jesus através do testemunho.
8. Este ainda não é, pois, o momento de «olhar para o Céu» (cf. Act 1, 11). Este é o momento de «pisar a Terra». E este é também o nosso tempo, o tempo da Igreja, o novo Corpo de Jesus (cf 1Cor 12).
9. Que resta, então, do rasto de Jesus? O que resta do rasto de Jesus chama-se precisamente Igreja. É pela Igreja que Jesus assegura a continuidade da Sua presença. E é pela Igreja que se mantém a Sua mensagem: não apenas o Evangelho escrito, mas sobretudo o Evangelho inscrito; não apenas o Evangelho que encontramos no livro, mas acima de tudo o Evangelho que reencontramos na vida.
10. Afinal, há tanto Evangelho para testemunhar na vida. E há tanto Deus para semear no coração das pessoas!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 19.05.2020

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Domingos Ferreira Fonseca – 10,00
- Família n.º 339 – 15,00
- Laura (Aborim) – 15,00
- Anónimo – 20,00
- Família n.º 1244 – 20,00
- José Gonçalves da Silva – 25,00
- Família n.º 400 – 125,00

TOTAL DA SEMANA – 230,00 euros

A transportar: 21.508,95 euros
 Despesas até agora: 30.705,36 euros

«lições» a reter destes tempos de excepção e, em função delas, apresentem sugestões para o próximo ano pastoral.

VIVEMOS EM REGIME DE LIBERDADE CONDICIONADA

Apesar da conotação negativa atual, gosto muito da palavra confinamento. É fantástica, com um potencial hermenêutico incrível. Estar confinado é, de alguma forma, ter consciência dos limites que nos cercam. E, neste momento, serve para despertar a consciência de que todos vivemos em regime de liberdade condicionada, não apenas em tempo de pandemia. Oxalá saíssemos disto um pouco mais responsáveis e comprometidos com a Humanidade, mas temo que a pandemia seja insuficiente para enfrentar esta sociedade de consumo descontrolado ou de capitalismo selvagem. Por agora, as pessoas estão a cair em si, fruto das circunstâncias, mas mal abram os centros comerciais e o quando o vírus deixar de nos perturbar, tudo voltará ao mesmo. O elástico esticou, continua tenso, mas quando deixar de haver motivos para isso, regressará ao ponto inicial. Esta deveria ser um momento para pensarmos que, afinal, dependemos muito mais dos outros do que julgamos.

Nuno Higino, poeta e escritor, In Visão 16.04.2020

UM HORROR CONTINUADO PERANTE A HIPOCRISIA MUNDIAL

Em 24 de setembro de 2019, Hamid Sabi, advogado do Tribunal da China, dirigiu-se ao Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (UNHRC)



com a conclusão do Tribunal de que a extração forçada de órgãos de centenas de milhares de prisioneiros de consciência foi cometida há anos em toda a China em uma escala significativa e que continua até hoje. Ele afirmou que é dever do CDHNU e da obrigação legal dos Estados Membros da ONU combater os crimes de extração de órgãos da China contra a humanidade.

In <https://dafoh.org>

.....
 "Se você tem a impressão de que já se aperfeiçoou, nunca chegará às alturas daquilo de que certamente é capaz."

Kazuo Ishiguro

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

Está na moda uma certa nostalgia pela Antiguidade Clássica pagã, hipoteticamente "livre de dogmas e preconceitos" que foram trazidos pela mensagem cristã. E tem-se uma certa dificuldade em admitir que o Cristianismo representou um papel positivo e radical na criação de um mundo muito mais amável, gentil e caritativo.

Pese a todo este ambiente, o historiador britânico Tom Holland – um ateu convicto – não tem nenhum prurido em defender que o Cristianismo representou um benefício profundo para a nossa civilização Ocidental. É isto que defende no seu recente livro "Dominion: The Making of the Western Mind". Numa recente resenha deste livro publicada em Position Papers (01-12-2019), o crítico James Bradshaw comenta que Holland, depois de um exaustivo estudo da sociedade pagã greco-latina, chega a uma conclusão deveras interessante:

«Quanto mais anos estudo a Antiguidade Clássica, mais intensamente estranha ela me parece. Os valores de Leônidas, cujo povo praticava uma forma particularmente brutal de eugenesia, não são nada que possa reconhecer como meu. Nem os valores de César, de quem se diz que matou um milhão de gauleses e escravizou outro milhão. Não é somente a extrema crueldade que me causa aversão, mas sim a completa ausência do sentido de que os pobres e os débeis possam possuir um mínimo de valor intrínseco».

De acordo com isto, enumera as execuções públicas de escravos, os combates de gladiadores para divertir o público e o muito difundido "costume" de abandonar raparigas recém-nascidas nas lixeiras. Como explica Holland, não havia nada no politeísmo greco-romano que fizesse um nobre romano pensar que não podia violar a sua escrava, ou impedisse um general de mandar os seus legionários aniquilarem uma tribo derrotada. Neste livro, Holland recorda o papel vital que teve o povo judeu na compreensão de um Deus diferente, cujas acções – na sua maior parte – podiam ser compreendidas, e descreve como a evolução histórica do pensamento ocidental parte, inevitavelmente, da figura de Jesus Cristo. Uma realidade que muitos ateus modernos têm dificuldade em aceitar, como se os conceitos de "dignidade humana" e "direitos humanos" tivessem vindo do nada, por geração espontânea.

P. Rodrigo Lince de Faria,
 in DM 05 de Maio 2020